

AMÉRICA LATINA, TRADUÇÃO E PÓS-COLONIALISMO

Adriana Silvina PAGANO¹

- **RESUMO:** Este trabalho visa tecer algumas reflexões sobre a relação tradução – pós-colonialismo, introduzindo um terceiro, a América Latina, lugar de enunciação controvérsico, legitimado por seu uso como termo operacional em diversas disciplinas acadêmicas. Em diálogo com a Teoria Literária e os Estudos Latino-Americanos, examina a articulação tradução – pós-colonialismo – América Latina, como triângulo conceptual. Suplementando as abordagens teóricas dos Estudos da Tradução e dos Estudos Pós-Coloniais, o trabalho incorpora a teorização elaborada por um texto literário e analisa o poema da escritora argentina Susana Thénon, “Poema com tradução simultânea espanhol-espanhol”, que apresenta a tradução como tema e processo inerente às relações coloniais, neocoloniais e pós-coloniais na América Latina.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Teorização da tradução; pós-colonialismo; América Latina.

Como toda discussão teórica que envolve terminologia de ampla utilização, a abordagem da relação tradução – pós-colonialismo, dentro do âmbito dos Estudos da Tradução, requer, em primeiro lugar, a definição do que se entende por pós-colonialismo. Para tal tarefa, podemos tomar as reflexões de um dos teóricos mais representativos associados à problemática do pós-colonial – o crítico indiano Homi Bhabha –, que

¹ Departamento de Letras Anglo-Germânicas – Faculdade de Letras – UFMG – 31270-901 – Belo Horizonte – MG. pagano@dedalus.lcc.ufmg.br.

define a tarefa da crítica pós-colonial como sendo a “revisão crítica de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política” que visa examinar as ambivalências existentes nas “racionalidades” da chamada modernidade cultural (Bhabha, 1994, p.171). Longe de representar um processo isolado ou descontextualizado, a emergência da teoria pós-colonial está vinculada, para Bhabha, a uma revisão de um outro modelo teórico: o da sociologia do subdesenvolvimento ou teoria da dependência, que propõe uma análise dos processos de colonização e subordinação por meio de matrizes binárias, fundamentadas sobretudo num contexto de interpretação econômico. A teoria pós-colonial, Bhabha afirma, mostra que essa proposta é redutora e insuficiente para se abordar as relações de desigualdade e subordinação, sobretudo no que diz respeito aos processos de produção de identificação cultural. Os estudos pós-coloniais propõem interpretar as relações de desigualdade e sujeição, observando as tensões tanto nos espaços *inter-* como *intranacionais*, nos múltiplos entrecruzamentos de categorias como raça, gênero, classe e nação.

Nesse sentido, uma definição pedagógica e clara parece ser a oferecida pela crítica indiana Ania Loomba (1998), que formula a função dos chamados estudos pós-coloniais como sendo a de “indagar como operam as categorias de classe, gênero, nação, raça e casta nos grupos sociais que se viram, de alguma forma, reestruturados por regimes coloniais” (p.15). Nesse sentido, a expansão do campo de aplicação do conceito de pós-colonial, neste caso para todos aqueles que vivenciaram em diferentes graus relações de subordinação, juntamente com a inserção das questões de classe e gênero situam os estudos pós-coloniais como área próxima dos estudos culturais, tornando as fronteiras disciplinares entre ambas disciplinas mais fluidas.

A pergunta que podemos formular, então, para efeitos dessa análise é como estão articulados os estudos pós-coloniais com os estudos da tradução? Numa síntese de argumentos, poderíamos dizer que a condição pós-colonial revela a cultura como operação ampla de tradução que opera em âmbito transnacional, translingüístico e trans-histórico. Elemento inerente ao processo de colonização é o deslocamento em suas diversas manifestações, tais como a escravidão, a migração, o exílio e a subordinação. A vivência colonial leva os sujeitos a se deslocarem para outros espaços, outras temporalidades e outras línguas. Isso aplica-se tanto para aquele que se encontra num grau elevado da hierarquia de poder como para todos aqueles que encenam diversos graus de subordinação. “Para sua justificação e perpetuação”, diz o crítico

chicano Alfred Arteaga (1994), "as relações humanas assimétricas, tais como as estabelecidas pela escravidão ou o colonialismo, requerem grandes deslocamentos de poder físico e discursivo" (p.1). Os deslocamentos físicos, por meio de expedições, viagens, tropas de guerra e invasões, estão acompanhados por deslocamentos discursivos, que nos permitem estudar o discurso da autoridade colonial em seus movimentos argumentativos, observando as brechas e fendas que permitem a produção de um discurso de resistência.

Todo deslocamento gera contatos e entrecruzamentos, multiplicidade de línguas que fazem da tradução uma condição do ser pós-colonial, "ser traduzido", "ser-entre-línguas", como o define o escritor indiano Salman Rushdie (1991). Evidentemente, há diferentes condições de multilingüismo em diferentes contextos de deslocamento: o multilingüismo escolhido pelo imigrante voluntário difere do multilingüismo forçado de uma minoria subjugada, do exilado ou do refugiado político. No entanto, ambos contextos são geradores de produções discursivas reveladoras para o teórico da tradução e do pós-colonialismo. Os estudos pós-coloniais indagam a produção discursiva daqueles que falam a partir de um entre-lugar discursivo que desafia noções estreitas de língua, nação e história.

Da relação tradução-pós-colonialismo, podemos passar à articulação América Latina-pós-colonialismo, outro lado do triângulo teórico proposto. A condição pós-colonial da América Latina é objeto de controvérsia, especialmente quando se aplica ao seu estudo uma matriz utilizada para analisar realidades tão diversas como, por exemplo, a da Índia, da África do Sul ou da Argélia. Para alguns críticos, como é o caso de Jorge Klor de Alva (1992), o pós-colonial na América Latina deve ser entendido como estritamente vinculado às teorias pós-estruturalistas da história, que visam à deslinearização dos relatos consagrados, buscando a inserção de outros relatos, ofuscados no processo de escrita e difusão pedagógica da História. O objeto de estudo, para Klor de Alva, não deve ser apenas o processo de descolonização das nações latino-americanas, mas o exame das diversas subjetividades decorrentes de situações de desigualdade cultural, social e econômica que existem e existem na América Latina.

Apesar das críticas e controvérsias, o contato com teorias e reflexões geradas em outros espaços pós-coloniais, utilizadas, como assinala Gayatri Spivak (1994), com intuito de colaboração e solidariedade, tem se mostrado produtivo no caso latino-americano, uma vez que reflexões levantadas em outros contextos fazem aflorar, na América Lati-

na, problemáticas que tinham sido objeto de escassa investigação ou sob perspectivas teóricas redutoras. É esse o caso dos estudos de nação, de gênero e de raça, que vêm aflorando no contexto latino-americano, numa articulação muito interessante com os estudos da tradução.

Podemos passar, finalmente, para a articulação dos três vértices do triângulo conceptual: pós-colonialismo, América Latina e tradução. O entrelaçamento colonizar-traduzir é elaborado em sua especificidade brasileira e latino-americana por Else Vieira em sua tese de doutorado *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. Vieira (1992) chama a atenção para a historicidade da tradução e a sua dimensão política, objeto de reflexão por parte de teóricos e tradutores latino-americanos, sobretudo na teorização inovadora que os tradutores desenvolvem acerca de sua *práxis* tradutória igualmente inovadora. Pesquisas sobre a tradução na América Latina apontam para a metalinguagem do tradutor como fonte de teorização sobre os processos de transferências interculturais, metalinguagem disseminada em ensaios, depoimentos, prefácios, notas de rodapé e textos ficcionais e poéticos. Por estar localizado no “entrelugar” de diversas línguas, tradições e histórias, o discurso do tradutor pode ser abordado como discurso que informa sobre processos inerentes ao movimento fluido de construção de identificações culturais.

O pensamento latino-americano sobre a tradução nasce a partir de um contexto de tensões entre línguas, memórias e histórias. A historiografia da tradução na América Latina, ainda pouco explorada, revela casos paradigmáticos como é, por exemplo, o do indígena inca Garcilaso de la Vega, que em 1590 traduz para o espanhol, língua do colonizador e opressor, os *Diálogos de amor* do judeu León Hebreo, escritos em italiano. Em seu prefácio e carta dirigida ao rei Felipe, o inca oferece sua tradução como presente, desafiando a economia de relações imperiais e explorando a tarefa tradutória como possibilidade de acesso a uma voz e inserção de uma cultura oprimida, a incaica, no âmbito cultural europeu (Jákfalvi-Leiva, 1984).

Mas, além da tradução como estratégia de inserção na cultura do outro, a tradução opera no âmbito latino-americano como matriz cultural de nações como o Paraguai, onde o bilingüismo cria um discurso bivalente hispano-guarani, cindido entre a escrita e a oralidade. Nesse sentido, é revelador o projeto literário e tradutório do escritor paraguaio, Augusto Roa Bastos, que busca, como ele afirma: “redimir a oralidade do guarani através de uma escrita diglössica em espanhol”, para assim “resgatar essa literatura ausente, a memória de textos apagados, destruídos antes de ter acesso à escrita” (apud Madrid, 1991). Torna-se,

então, um verdadeiro desafio para o leitor penetrar a polifonia de um romance como *Eu, o supremo*, de Roa Bastos, um romance que indaga os becos escuros da memória de um ditador paraguaio, sempre cindida entre duas línguas e duas práticas discursivas radicalmente diferentes: a da oralidade da cultura guarani e a da escrita da cultura espanhola.

Tanto o inca Garcilaso como Augusto Roa Bastos são representativos do que podemos chamar de teorização latino-americana da tradução e dos processos pós-coloniais, elaborada nos espaços paratextuais e na ficção. Um trabalho análogo de elaboração teórica também pode ser observado em outro texto pertencente a um *corpus* literário, o "*Poema com tradução simultânea espanhol-espanhol*",² da escritora argentina Susana Thénon, que apresenta a tradução como tema e processo inerente às relações coloniais, neocoloniais e pós-coloniais na América Latina. Uma leitura mais detalhada do poema, como a proposta a seguir, permite observar a articulação, realizada por meio do texto literário, dos três termos teóricos discutidos neste trabalho: tradução, pós-colonialismo e América Latina.³

No poema, a tradução torna-se uma forma lúdico-crítica de desafiar a própria linguagem e a própria prática da tradução, deixando que as entrelinhas, o não-dito, aflore no movimento de passagem de uma versão para outra, num gesto que busca penetrar nesse lado opaco dos signos lingüísticos. O poema se utiliza da tradução como forma de ler processos de opressão e violência coloniais e intracoloniais. Seu nome – "*Poema com tradução simultânea espanhol-espanhol*" – apresenta-se como título aparentemente paradoxal que, como veremos, revela no espaço hifenizado das línguas uma releitura da história decorrente do processo tradutório encenado.

O poema trabalha na interseção de diversos espaços e tempos: 1492 – chegada de Colombo na América; 1910 – comemoração do centenário da independência argentina em relação ao império espanhol, celebrada no âmbito de estreitas relações com o império britânico; 1982 – conflito bélico entre a Argentina e a Grã-Bretanha em torno das ilhas Malvinas; e 1992 – décimo aniversário da guerra das Malvinas, quinquagésimo aniversário da conquista da América e data de escrita do

2 Ver Thénon, 1987, p.27-8. Para uma leitura mais fluente desta análise, apresento, de minha autoria, uma tradução para o português do poema e o texto do original em nota de rodapé.

3 Para uma análise mais aprofundada do trabalho de Thénon sob a perspectiva de sua articulação de tradução e nação, cf. Pagano, 1996.

poema. A epígrafe, do poeta nicaraguense Rubén Darío, comemora o centenário da nação argentina independente (1910) e celebra a irmandade das nações anglo-saxônicas e latino-americanas.⁴ No corpo do poema, todavia, Susana Thénon (1987) revisa o texto de Darío à luz da história que se sucede ao centenário da Argentina.

No texto de Thénon (1987), a palavra do conquistador ibérico, enunciada em espanhol é traduzida para a palavra do conquistador britânico, enunciada em espanhol, com intervenções do inglês, alemão, grego, latim e árabe. Predomina, é claro, o que se convencionou chamar de uma língua só – o espanhol. O texto, no entanto, desafia a própria concepção de código linguístico: traduzir do espanhol para o espanhol (tradução intralingüística) torna-se uma tradução interlingüística, inter-histórica e intersemiótica. O convencional movimento da tradução – de uma língua para uma língua só – também é desafiado, uma vez que se traduz para múltiplas línguas e, como vou mostrar, para múltiplas histórias.

Reconhecemos na primeira voz do poema a narrativa consagrada da viagem de Cristóvão Colombo e sua descoberta da América, com sua cronologia de fatos e explicação dos mesmos. Trata-se de um discurso pedagógico sobre a conquista da América, transmitido secularmente por meio do discurso histórico e escolar. Diz a história:

Cristóforo
filho de um humilde cardador de lã
zarpou do porto de Palos
não sem antes persuadir a Sua Majestade a Rainha
Isabel a Católica das bondades da empresa
por ele concebida
mesmo que se vertessem litros e litros de
genuíno sangue velho fator Rh negativo⁵

Nas entrelinhas desse relato, entre parênteses, a segunda voz tece uma tradução da narrativa teleológica do discurso pedagógico:

4 A epígrafe reza no original: "Para ir hacia lo venidero,/ para hacer, si no el paraíso,/la casa feliz del obrero/en la plenitud ciudadana/vínculo íntimo eslabona/e ímpetu externo hermana/a la raza anglosajona/con la latinoamericana".

5 Minha tradução de: "Cristóforo/hijo de un humilde cardador de lana/zarpó del puerto de Palos/no sin antes persuadir a Su Majestad la Reina/Isabel la Católica de las bondades de la empresa/por él concebida/así se vertiesen litros y litros de/genuina sangre vieja factor RH negativo".

(o Portador de Cristo)
(filho de um que viajava à procura de lã sem cardar)
(pau em mão deixou o porto)
(não sem antes persuadir a Her Royal Highness
die Königin Bebel a Logística de empenhar
a coroa na tasca de Blumenthal com-verso)
(mesmo que custasse sangue suor e lágrimas
antípodas)⁶

A tradução do discurso pedagógico, como essas linhas mostram, destece os significantes empregados pelo discurso da conquista, reescrevendo a narrativa histórica com novos elementos: Cristo, a fé religiosa, como justificativa oficial (Cristóforo, Cristóvão em genovês, significa “o portador de Cristo”), a riqueza material como objetivo implícito da colonização (viajava à procura de “lã”, dinheiro, sem “cardar”, sem trabalhar para obtê-lo), a violência como signo da empresa colonizadora (“pau em mão”, “mesmo que custasse sangue suor e lágrimas antípodas”), o elemento discursivo da conquista (“persuadir com verso”, com lábia), a filiação desse movimento colonizador a outras empresas congêneres (sinalizada pelas palavras de Churchill, “sangue suor e lágrimas”). À narrativa histórica, acrescenta-se outra narrativa, menos histórica, porém incluída nos manuais escolares, de que a rainha Isabel teria empenhado seus bens aos judeus (“na tasca de Blumenthal”). A tradução do discurso pedagógico da conquista produz uma versão que revela o entrecruzamento de diversos fios discursivos. A rainha Isabel, a Católica, é reinterpretada à luz da rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, numa leitura que entretetece o evangelho cristão, a colonização da América, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra das Malvinas.

O poema prossegue com o relato do enfrentamento intercultural que a primeira voz narra a partir da conquista espanhola, sendo traduzida “simultaneamente” pela voz que reatualiza a chegada britânica às Malvinas:

e após meses e meses de ceiar apenas
oxímoro em busca da esquiua redondez
(e após dias e dias de mascar Yorkshire Pudding

6 Minha tradução de: “(el Portador de Cristo)/(hijo de uno que iba por lana sin cardar)/(palo en zarpa dejó el puerto)/(no sin antes persuadir a Her Royal Highness/die Königin Chabela la Logística de empenhar/la corona en el fígón de Blumenthal con-verso)/(así costase sangre sudor y lágrimas antípodas)”.

e um pingüim de acréscimo aos domingos)
desembarcaram
em 1492 a.D.
(pisaram
em 1982 a.D.)⁷

A narrativa continua em crescendo até atingir seu ponto culminante:

Cristóforo engatilhou o missal
(Christopher disparou o míssil)
disse a seus pares
(murmurou a seus sequazes)
...
vide aqui novos mundos
(vide aqui estes imundos)
ficai com eles
(acabai com eles)
por Deus e Nossa Rainha
(por Deus e Nossa Rainha)
AMÉM
(OMEN)⁸

Na transposição do discurso pedagógico, os significantes são deslocados para novos significados, no deslizar do discurso ritualístico para o discurso criminalístico e bélico: o “missal” torna-se um “míssil”, os “pares”, “sequazes”, e a autorização para a posse do novo território, uma legitimação da conquista. Testemunho dessa transposição, o “assim seja” do culto cristão torna-se um sinal de sanção da narrativa tecida, presságio (“omen”) que antecipa processos análogos de escrita da história (a crítica Ana María Barrenechea (1987) acrescenta também a leitura do “omen” como “oh, men”).

A leitura do poema, tradução da tradução, revela ainda a sutil presença de outras vozes capturadas pelos discursos entrelaçados. A leitura da instância discursiva gerada pelos contatos *interculturais* incor-

7 Minha tradução de: “y tras meses y meses de yantar solo/oxímoron en busca de la esquiwa redondez/y tras días y días de mascar Yorkshire pudding/y un pingüino de añadidura los domingos/desembarcaron/en 1492 a.D./(pisaron/en 1982 a.D.)”.

8 Minha tradução de: “Cristóforo gatilló el misal/(Christopher disparó el míssil)/dijo a sus pares/(murmuró a sus secuaces)/ved aquí nuevos mundos/(ved aquí estos imundos)/quedáoslos/(saqueádos)/por Dios y nuestra Reina/(por Dios y Nuestra Reina)/AMÉN/(OMEN)”.

pora fios discursivos inerentes ao espaço *intranacional*. À chegada dos colonizadores,

chefes esperavam
pelados
genuflexos
(mandachuvvas aguardavam
nus
ajoelhados)⁹

do que se depreende a hierarquia e a assimetria nas relações existentes no próprio espaço nacional, indício, por sua vez, de tensões no espaço intranacional, especialmente quando se lê o poema sob a perspectiva de 1982, época de agudos conflitos internos na nação argentina. À sucessão de Isabelas que a leitura inter-relaciona, soma-se também Isabel Perón, figura vinculada a um momento conflitante, decorrente das fraturas internas do espaço nacional argentino. A epígrafe acrescenta uma outra dimensão à leitura do poema. Como já assinalamos, trata-se de um escritor latino-americano, cujas palavras de louvor à nação anglo-saxônica, em 1910, são reinterpretadas na década de 1990 como paródicas, numa leitura que incorpora a dimensão histórica dos últimos 80 anos.

Em sua tradução dos espaços *inter* e *intranacionais*, o poema sugere uma leitura da tradução e da colonização como processos emergentes a partir das entrelinhas, dos interstícios do discurso, numa escrita que captura o paradoxo *inter* e *intringüístico*. A tradução opera nas entrelinhas dos enunciados, nos parênteses da história, nos deslocamentos físicos e discursivos de toda empresa colonizadora. A tradução também trabalha com os fios da memória, por meio de uma leitura que pluraliza os significantes e desloca os significados.

Sob a perspectiva de 1992, ano de celebração dos 500 Anos da Conquista da América, o poema rememora um conflito bélico, a Guerra das Malvinas (1982), numa leitura que revisa diversos contatos interculturais: Grã-Bretanha-Argentina (1982), Espanha-América (1492), incorporando à dimensão *internacional* as tensões *intranacionais* – *intra*Argentina, neste caso específico –, devolvendo uma leitura do entrelaçamento da nação e do espaço internacional que interroga as dicotomias

9 Minha tradução de: "jefes esperaban/en pelota/genuflexos/(mandamases aguardaban/desnudos/de rodillas)".

dentro-fora, eu-outro. As fronteiras difusas do *inter* e do *intranacional*, do *inter* e do *intra-lingüístico*, despertam, assim, para revisões da história latino-americana, que examinem o complexo de forças que intervêm nos processos de formação de identidade cultural.

O poema de Susana Thénon (1987) transcende a mera manifestação contra o colonialismo ou neocolonialismo. Trata-se, antes, de uma produção que problematiza a escrita da História como operação redutora construída por aquele que detém a palavra e impõe uma língua, e também, de uma leitura que interroga os espaços *inter* e *intra*, que indaga as tensões geradas pelas assimetrias dentro e fora do espaço nacional. Trata-se, ainda, de uma visão que interroga a tradução como operação fundamentada numa lógica de equivalências e identidades. Trata-se, em última instância, de uma revisão pós-colonial que permite explorar outras leituras do latino-americano, neste caso específico, da nação argentina, fora de contextos de significação convencionais, incorporando à leitura da filiação hispânica dessa nação, outras filiações ou afiliações como a da Argentina com o império britânico.

A escolha do poema como gênero e da operação tradutória como forma de textualizar o processo de interpretação revela o lugar privilegiado que a tradução ocupa no pensamento crítico latino-americano, muitas vezes veiculado, como neste caso, por textos literários ou ficcionais. Encenando a tradução como processo de transferência de significados, o poema de Susana Thénon problematiza as chamadas narrativas produtos das interpretações que a História constrói e dissemina. Ao traduzir essas narrativas, o poema mostra a relevância de que se reveste a tradução nas releituras dos espaços pós-coloniais latino-americanos.

PAGANO, A. S. Latin America, translation and postcolonialism. *Alfa (São Paulo)*, v.44, n.esp., p.157-167, 2000.

- **ABSTRACT:** *The aim of this study is to reflect on the relationship between translation and postcolonialism from the perspective of a third term, Latin America, a controversial locus of enunciation legitimated through its use as an operational term in various academic disciplines. In a dialogue with literary theory and Latin American studies, the paper examines the articulation of translation, postcolonialism and Latin America as a conceptual triangle. Supplementing the theoretical approaches of Translation Studies and Postcolonial*

Studies, it draws on a literary source of theorization and analyses Argentine writer Susana Thénon's text "A poem with simultaneous translation Spanish-Spanish", which theorizes translation as a theme and a process inherent to colonial, neocolonial and postcolonial relationships in Latin America.

- **KEYWORDS:** translation theory; post-colonialism; Latin America.

Referências bibliográficas

- ALVA, J. J. K. Colonialism and post-colonialism as (Latin) American mirages. *Colonial Latin American Review*, v.1, n.1-2, p.3-23, 1992.
- ARTEAGA, A. (Ed.). *An other tongue*. Durham/London: Duke University Press, 1994.
- BARRENECHEA, A. El texto poético como parodia del discurso crítico: los últimos poemas de Susana Thénon. *Dispositivo*, v.11, n.30-2, p.255-72, 1987.
- BHABHA, H. The postcolonial and the postmodern: the question of agency. In: _____. *The location of culture*. London: Routledge, 1994. p.171-97.
- JÁKFALVI-LEIVA, Susana. Traducción, escritura y violencia colonizadora: un estudio de la obra del Inca Garcilaso. New York: Maxwell School of Citizenship & Public Affairs, 1984. *Foreign and Comparative Studies/Latin American Series*, n.7.
- LOOMBA, A. *Colonialism/post-colonialism*. London: Routledge, 1998.
- MADRID, L. Simbiosis, repeticiones: los registros de la memoria. *Cuadernos Hispanoamericanos*: Homenaje a Roa Bastos, v.493-4, p.75-81, jul.-ago. 1991.
- PAGANO, A. *Percursos críticos e tradutórios da nação: Brasil e Argentina*. Belo Horizonte, 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Artes e Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
- RUSHDIE, S. *Imaginary homelands: essays and criticism 1981-1991*. London: Granta Books, 1991.
- SPIVAK, G. An interview. In: ARTEAGA, A. (Ed.). *An other tongue*. Durham: Duke University Press, 1994. p.173-88.
- THÉNON, S. *Ovra completa*. Buenos Aires: Sudamericana, 1987.
- VIEIRA, E. R. P. *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. Belo Horizonte, 1992. 248p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Artes e Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.